

# Artigo

## LAVOURA ARCAICA NA IMPRENSA

Hugo M. F. Abati

### RESUMO

#### Palavras-chave

Lavoura arcaica  
*Nassar, Raduan*  
*Estudos literários*

Fortuna crítica (publicada em jornais e revistas) sobre a obra literária “Lavoura arcaica”, de Raduan Nassar. O estudo consiste no levantamento de dados, seleção e organização de informações que procuram definir e divulgar jornalisticamente as linhas gerais da narrativa nassariana, abordando seus aspectos semânticos, formais e intertextuais.

#### Keywords

Lavoura arcaica  
*Nassar, Raduan*  
*Literary study*

### ABSTRACT

#### Biografia

Hugo Abati é jornalista graduado pela UNESP, com mestrado em Literatura Brasileira na UFPR.

Atualmente, leciona a disciplina Fotojornalismo, no curso de Jornalismo da Unibrasil, em Curitiba.

Crítical fortune (published in periodicals and magazines) on the literary composition “Lavoura arcaica”, by Raduan Nassar. The study consists with the investigation of data, election and organization of information that define and divulge, through the journalism, the general lines of the nassariana narrative, approaching their semantic, formal and intertextuais aspects.

## 1. RECEPÇÃO BRASILEIRA

*Lavoura arcaica* foi publicada em 1975. A maioria das matérias jornalísticas a respeito destinava-se a divulgar o lançamento, traçar as linhas gerais do livro e apresentar Raduna Nassar. Chamava a atenção dos leitores a originalidade e o nível de execução. Para Leo Gilson Ribeiro, *Lavoura arcaica* aparecia num momento de vacas magras da literatura brasileira. O jornalista agradecia “o envio urgente de neurônios e proteínas para a seca que assola a região do cérebro sem similares nacionais”<sup>1</sup>. A obra de Raduan Nassar destacava-se por se afastar do circunstancial, das prosas panfletária e jornalística, características dos anos 70, para oferecer ao leitor poesia e filosofia. Alguns estudos comparativos posteriores, como os Maria Tai Wolf<sup>2</sup> e Antônio Manuel Nunes<sup>3</sup>, tentaram identificar o panorama literário e histórico em que a obra surgiu. Mas para Leila Perrone-Moisés, permanecerá como um fenômeno isolado. Em um recente ensaio, disse que a originalidade de Raduan

com relação aos outros escritores de sua geração, consiste justamente nessa opção por um engajamento político mais amplo do que o recurso direto aos temas de um momento histórico preciso. Um engajamento no combate aos abusos do poder, em defesa da liberdade individual, numa forma de linguagem em que a arte não faz concessões “à mensagem”<sup>4</sup>

Na época do lançamento, Octávio de Faria sentia dificuldades para classificar a obra dentro da literatura brasileira. Cuidadoso em fazer aproximações e comparações, não identificava parentesco e influência em relação a outras obras literárias, como também não conseguia estabelecer um gênero para o livro, se era poesia filosófica, prosa poética ou romance-lírico. Perguntava se “seria uma idéia poética que se revestiu de forma de ‘romance’ para mais facilmente ganhar corpo e a luz do dia”<sup>5</sup> Num lembrete de leitura, o escritor Modesto Carone dissertou sobre as questões de gênero<sup>6</sup> despertadas pela narrativa:

Sem esquecer que os ingredientes fundamentais de um romance (tema, enredo, tensão) participam amplamente desta obra vigorosa (com a vantagem óbvia de se apresentarem criativamente combinados) é oportuno sugerir, àqueles que se amarram em etiquetas e prescrições canônicas, que *Lavoura arcaica* pode ser tranqüilamente encarado como um romance lírico. Isso significa que não se deixa apreender como linguagem instrumental para narrar ou mover a ação dramática, mas como linguagem em si – opaca – que, a exemplo do que ocorre com a poesia, se torna objeto diante do leitor, lançando-o ao encontro de um universo verbal transfigurado, verdadeira violentação lírica desse centro que nossa embotada rotina roça e desconhece.

Assim, não é de surpreender que alguns possam achar – difícil – a leitura de *Lavoura arcaica*, pois, na medida em que se distancia do modo de narrar naturalmente, o romance de Nassar exige um tributo de discernimento estético para revelar sua generosa energia criadora. Quem souber ler, verá.<sup>7</sup>

Octávio de Faria ainda disse que a obra revelava um autor maduro, “um grande escritor, perfeitamente senhor de suas palavras, de seu estilo, seguro de si como se já tivesse uma grande experiência e nos desse o seu livro de consagração”<sup>8</sup>. Tanto que *Lavoura arcaica* arrebanhou os prêmios “Coelho Neto”, da Academia Brasileira de Letras; “Jabuti”, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria Revelação de Autor; e também o prêmio “Revelação” e “Mensão Honrosa” da Associação Paulista de Críticos de Arte, e o segundo lugar no Prêmio Walmap. Ao ser premiada pela Academia, o escritor Alceu Amoroso Lima classificou o romance como “impressionante e magistral”, explicando, que se tratava de uma “novela trágica [...] numa atmosfera bem brasileira, mas dominada por um sopro universal da tradição clássica mediterrânea’ [...] em estilo incisivo, nunca palavroso ou decorativo, da eterna luta entre liberdade e tradição, sob a égide do tempo”<sup>9</sup>.

Numa das primeiras resenhas, Gilberto Mansur destacava a qualidade das reflexões de Raduan Nassar, dizendo que *Lavoura arcaica* pertencia àquele conjunto de “textos que teriam a faculdade de manter-nos informados”<sup>10</sup>. Mas não explicava a afirmação. O jornalista e amigo José Carlos Abbate deu algumas pistas no *Jornal da Semana*, no início de 1976:

A impressão mais forte que fica após a sua leitura é que se trata de uma reflexão excepcional sobre a marginalização do homem na sociedade – e onde a família patriarcal, no caso, funciona como perfeita metáfora. Reflexão acompanhada de uma linguagem singular, cheia de densidade, tensa, musical pelo seu ritmo que nunca perde o tom e com a utilização incomum de símbolos e imagens que colocam este livro de estréia como um dos mais sérios e vigorosos da moderna literatura brasileira.

Romance onde não é o entrecho que mais importa, Raduan constrói porém solidamente uma história, partindo da ‘remota parábola do filho pródigo, invertendo-a’, provavelmente para imprimir maior conteúdo ético ao personagem que insistentemente reivindica o seu ‘lugar na mesa da família’. É uma estrutura insólita, onde os trinta capítulos obedecem a uma técnica de montagem que permite larga margem para reembaralhá-los e lhes imprime individualidade própria, alguns com a marca de páginas antológicas.

Como já se disse a respeito de “Invenção de Orfeu”, de Jorge de Lima, não é fácil a análise de um livro como *Lavoura arcaica*, “um labirinto de temas, faturas, imagens e tendências, uma espécie de poema-cíclico”, e onde, através de dois personagens altamente valorizados (pai e filho), é ressaltado o aspecto ambivalente e contraditório da existência. A ambivalência que caminha junto com uma excelente percepção, como, por exemplo, entre o pai e o filho, racional e irracional, autoridade e liberdade, egoísmo e amor. A própria reflexão, que o autor trabalha nos níveis da lucidez e delírio, recebe também a sua

contrapartida cética: ‘afilando meus nervos como se afliesse a ponta de um lápis, fazendo a aritmética a partir dos meus próprios números, pouco me importando que as quíleras do meu raciocínio pudessem ser confrontadas com as quíleras de outro moinho...’

Essa contradição é expressa admiravelmente no conflito entre o ideal ético e a força avassaladora dos impulsos que o levam à sofrida conclusão dos limites arcaicos e sempre necessariamente repetitivos da organização social, vista através da análise corrosiva da família, e do absurdo da condição humana:... ‘nos seduzindo contra a solidez precária da ordem, este edifício de pedra cuja estrutura de ferro é sempre erguida, não importa a arquitetura, sobre os ombros ulcerosos dos que gemem...’

Numa literatura dominada freqüentemente por moedeiros falsos de toda a espécie, que raras vezes aprofunda nos seus vários aspectos a reflexão sobre a insuportável desigualdade da organização social, e onde o oprimido funciona muitas vezes de conveniente folclore, a rebeldia exasperada do personagem de *Lavoura arcaica* aparece com a força de uma límpida honestidade:... ‘eu também tenho uma história, pai, é a história de um faminto que mourejava de sol a sol sem nunca aplacar a sua fome, e que de tanto se contorcer acabou por dobrar o corpo sobre si mesmo, alcançando com os dentes as pontas dos seus próprios pés; sobrevivendo à custa de tantas chagas, ele só podia odiar o mundo...’

No caso, uma impiedosa abordagem sobre os acanhados limites das desigualdades aparentemente mais imediatas: ‘...não se pode esperar de um prisioneiro que sirva de boa vontade na casa do carcereiro; da mesma forma, pai, de quem amputamos os membros, seria absurdo exigir um abraço de afeto; maior despropósito do que isso só mesmo a vileza do aleijão que, na falta das palmas da mão, recorre aos pés para aplaudir seu algoz; age quem sabe com a paciência proverbial do boi: além do peso da canga, pede que lhe apertem o pescoço entre os canzís. Fica mais feio o feio que consente o belo...’

Embora com momentos de forte dramaticidade, o texto não quer simplesmente informar o leitor sobre uma história (jornal e tevê já fazem isso fartamente) mas sugere a superação do fato, do episódico, da circunstância. É o leitor que complementa este romance, tornando-se dele menor ou maior participante, dependendo da intensidade de sua própria experiência. Romance com reflexão crítica, que transmite ao leitor recursos para confrontar significativamente a sua história e a história de outros homens, *Lavoura arcaica* não é livro fácil e, apesar da explosiva carga lírica, exige o atento trabalho da inteligência do leitor. Como no caso de Jorge de Lima, já mencionado, “se vós não tendes sal-gema, não entreis nesse poema”.<sup>11</sup>

Houve quem considerasse a narrativa obscura e hermética. Na época, Bruna Becherucci alegou que Raduan “abandona-se ao devaneio de palavras empoladas [...] que fazem supor a intenção de escrever um livro original e difícil.”<sup>12</sup> Esse aparente hermetismo se deve à complexidade da composição. Daí, não raras vezes, resenhas e notas limitarem-se à divulgação, impressões e linhas gerais da narrativa. Algumas vezes, era comparada a outras obras literárias e escritores. Indicava-se a intertextualidade com passagens e ensinamentos do Velho e do Novo Testamento, Alcorão e, sobretudo, o uso da Parábola do Filho Pródigo como eixo de base para uma inversão e recriação literária<sup>13</sup>. Em Nassar, explicava a crítica, eram apresentadas as razões do fugitivo que abandona sua casa, numa obra de tese em que se discute a “indiscutível autoridade

paterna”<sup>14</sup>. Os desvios do sentido original da parábola e a subversão do seu didatismo estão relacionados ao conflito entre razão e natureza, desejo e autoridade, nas relações de controle e poder em sociedade.

Sobre as relações entre indivíduos num grupo social e trabalhando certos apontamentos destacados por Abbate, o sociólogo Octávio Ianni afirmou que *Lavoura arcaica* desenvolve reflexões sobre a restrição da liberdade e vontade individual em face do mundo ordenado da cultura:

Nassar mostra como o indivíduo, a família e a sociedade encadeiam-se e subsumem-se reciprocamente [...] É o círculo social ao qual o indivíduo está preso, “um circuito fechado, que ata e encalacra o indivíduo na família, a família na sociedade e todos em conjunto [...] A família é a figuração da sociedade [...] O poder do pai é uma figuração da autoridade onisciente, onipresente e todo poderosa, que recobre a sociedade [...] A harmonia, a equanimidade, o equilíbrio são ilusórios. A família e a sociedade, a casa e a cidade, dependem do controle da força pelo verbo, do evitar que se mudem o lugar das palavras. Tanto a família e a sociedade poderiam romper se a sociedade fosse livre [...] Ao mostrar que a família não é o que parece na sabedoria do sermão, André mostra também que a sociedade não é o que aparece no espelho desse sermão [...] A sabedoria ancestral da família, da mesma forma que a sabedoria tradicional da sociedade, recobre tensões insuportáveis. Por sob a aparência da harmonia, ordem, disciplina e trabalho, escondem-se atos contraditórios, gestos obscuros, antagonismos irreconciliáveis. Da mesma forma que a família se rompe por dentro, graças à ilusão da harmonia construída, a sociedade se reparte em pedaços estranhos. A casa e a cidade estão metidas no mesmo circuito fechado que organiza a existência do indivíduo. As suas tensões engendram-se, atam-se e encalacram-se umas às outras, graças aos desencontros da vontade, às diferenças dos significados, à dissociação entre atos e falas.<sup>15</sup>

Nesta luta entre o arcaico e o novo, verifica-se a impossibilidade do indivíduo traçar uma linha reta, absolutamente livre da tradição, leis e costumes. e paralelamente, a dificuldade em viver sob o círculo das repetições, sufocando a individualidade. Algumas destas informações foram ratificadas por resenhas posteriores, com ligeiras alterações. Torriere Guimarães retoma certos pontos que já tinham sido aventados, como as contradições no seio da família, a crítica aos costumes, e o desejo de retorno para o ventre materno:

Juntam às vezes os díspares para domarem os seus demônios, e na fúria desatada das paixões revigoram a semente de dramas que se conservavam no *humus* do tempo. A família é o cadinho de espíritos díspares, que a nave espacial do ventre materno, ativada pela energia criadora, acolhe para entregar ao mundo. Nele estão raízes profundas, gerando conflitos e angústias [...] O filho diferente, marcado pelo fogo divino, sacudido por inquietações atávicas, a cicatriz que o distingue, introjeta a figura da mãe e quer destruí-la por um ato vergonhoso, (sic!) que destruisse a harmonia da família. Antes de deixar o lar, já o tinha

deixado – porque o seu desejo, abrindo buracos no chão com as unhas e afundando-se na terra, cobrindo-se com ela, mostra sua íntima insatisfação com o mundo e o desejo de retornar ao ventre materno, verdadeira pátria. Não vence a luta com seu demônio, não encontra para tanto semelhança entre os seus, todos agarrados ao tronco, ele só desgarrado, contestador, com olhos críticos e cáusticos para os costumes hereditários [...] Profundamente místico se revela [...] no contexto dos livros Sagrados. <sup>16</sup>

Um mês depois desta resenha, Aguinaldo Silva escreveu sobre a maneira criativa e inusitada com que o seu autor recontou, em forma de alegoria, uma história “mil vezes” contada, a história de um

filho que ousa um mundo novo e diverso daquele que o pai, o patriarca, apregoava em seus sermões [...] Raduan Nassar nos apresenta uma insólita e vigorosa abordagem dos laços de família, e de um ponto de vista que não permite dúvidas: a família, aqui, representa a sociedade, uma espécie de circuito fechado no qual cada indivíduo pode ocupar apenas um lugar [...] o amor incestuoso pela irmã, Ana, levava-o à conclusão de que as coisas mudam, sempre mudam, estão em permanente evolução, e o fizera fugir de casa [...] por trás de sua aparência imóvel, existem tensões que crescem e se desdobram a cada instante: são as contradições, os antagonismos [...] o autor escolheu um tom cujo raro nível de elaboração poética ressalta a contradição entre o duro aprendizado de André, o filho pródigo, que o leva a ver, por trás das aparências o modo como a família se sente exatamente protegida pelas aparências que cultiva” <sup>17</sup>

Um ponto que também causou boa impressão foi a força do discurso. Hélio Polvora apontava o desenvolvimento do romance a partir de um plano narrativo, elaborado “segundo um modelo de escrita moderna, na qual a ficção, ao mesmo tempo que é narrada, acontece”<sup>18</sup>. O procedimento revela o processo psicológico da narrativa ao qual o crítico associa à escrita de Virgínia Wolf. Entre as qualidades formais ainda estavam: o tom rapsódico de contar<sup>19</sup>; o caráter oral do estilo, os tons confessional, solene e coloquial, sem ser usual e cotidiano na sintaxe<sup>20</sup>; o tom outras vezes “profético” e litúrgico, revestidos pelo tema catastrófico e elevado; diálogos teatrais e empostados; o fluxo de consciência, “que estoura e jorra verbalmente com um vigor incomum”<sup>21</sup>; a exploração do ritmo das frases sucedendo-se com a cadência de versos melódicos e animados por uma linguagem que imita o movimento interior, emoções, pensamentos, pulsações, do personagem narrador e do poeta. Tais qualidades líricas do discurso interior nos fazem crer, como observou Flávio Pinto Vieira, “na literatura como uma coisa viva e ardente, feita por uma alma em brasa” <sup>22</sup>.

O que também confere força e intensidade à narrativa, segundo Amoroso Lima, era o seu reflexo ao mesmo tempo bíblico e helênico, “como se a tragédia

clássica com a implacabilidade do destino cego entrasse em conflito com a sublime visão regeneradora do amor”<sup>23</sup>. Geraldo Ferraz complementou, lembrando que a

a prodigiosa abrangência de poesia, de lirismo emprestado ao ambiente antigo e à evocação atualizada proviria também da cultura árabe do escritor [...] em páginas que podem ser lidas como uma prosopopéia atemporal, mergulhando suas raízes nos mistérios das origens.<sup>24</sup>

Além da parábola do filho pródigo, *Lavoura arcaica* revive o mito de Adão e Eva, transitando por temas como a ruptura da ‘aliança’, o livre-arbítrio e restauração da unidade social e interior. Numa e noutra, uma viagem errante que se repete entre as razões da natureza e da lei, entre a pena e o perdão. André e sua família estão em trânsito entre códices novos e antigos (o Velho e Novo Testamentos). Sob a aparência das novas leis, ainda atuariam os velhos mandamentos e a busca de restauração, “busca de redenção do homem, na sua incansável lavoura, arcaica e moderna, com uma linguagem amassada em sábia alquimia, com a argamassa da senda atávica, do chão tradicional”<sup>25</sup>, conforme também observou Bella Josef, ao sair a segunda edição de *Lavoura arcaica*, revisada pelo autor, em 1982.

Sobre o caráter arcaico do texto, Ruth Rissin Josef apontou, num ensaio escrito na *Revista de Psicanálise do Rio de Janeiro* (1992), que

o texto constrói-se como um ‘mythos’, um tipo de narrativa peculiar a uma sociedade, com a propriedade de mostrar uma significação particular para aquela cultura, remetendo à sua origem, sua História e sua estrutura social. Por remeter às origens é atemporal, sem designação espacial e fadada à repetição daquele modelo primordial [...] Pelo eixo social, esse *mythos* revela aspectos de uma sociedade que nele se reproduzem simbolicamente.<sup>26</sup>

Quanto a presença do velho e do novo em *Lavoura arcaica*, Carlos Tavares observou problemas de parcialidade nas reflexões críticas. Em 1989, ano da terceira edição, novamente revisada, pela Companhia das Letras, ele constatou que os críticos se perdem ao julgar os valores da obra quando se voltam a defender a tradição ou o novo como caminho único. Haveria, segundo ele, “tradição e inovação em dosagens equilibradas”<sup>27</sup>.

## 2. NO EXTERIOR

Num ensaio de apresentação da narrativa nos Estados Unidos, publicado na *Luso-Braslian Review* (1985), María-Tai Wollf também discorreu sobre as

relações entre o velho e o novo na obra, considerando basilar na construção do enredo a subversão do sentido de verdade da parábola, esboçada no conflito entre os discursos do pai e do filho pródigo:

*Lavoura arcaica* não é a história da afirmação de uma ordem tradicional, mas de sua subversão ou destruição (...) a menção aos modelos literários e às inversões problematiza, no interior da linguagem, as relações entre o velho e o novo, o arcaico e o moderno (...)“ Nassar busca explorar o funcionamento interno de uma linguagem mais “tradicional” para determinar como nós podemos “laborar” com ela e dentro dela, com a finalidade de lograr um trabalho que seja novo e que seja propriamente nosso. O romance absorve, mas também subverte e desenvolve os ritmos e fórmulas do sermão. A complexidade de *Lavoura Arcaica* é testemunho disso, ao contrário de seu protagonista, Raduan Nassar vence o risco de meramente recair em qualquer tradição (...) o romance apresenta uma tentativa de dominar uma linguagem através da criação de uma metalinguagem, um comentário que é crítico, em ambos os sentidos da palavra. Nós vemos um esforço para quebrar o poder dos sermões do pai, não obstante os anti-sermões ou meta-sermões do filho”<sup>28</sup>.

A primeira edição da obra no exterior foi espanhola (1982), sob o título *Labor Arcaica* (editora Alfaguara). Num artigo denominado *Triunfo y fracaso del héroe*, publicado no jornal *El País*, em Madri, Blás Matamoro reitera as observações feitas pela crítica brasileira. Diz que há no texto de Raduan, para além do tempo e do espaço, o incessante problema da lei e do desejo, a autoridade e a liberdade, a ordem e a dissolução.

O paterno é a ordem e, por isso mesmo, o que permite distinguir e separar, apartar e reprimir [...] O materno é o caótico convertido em sacro. Saltar os limites, não aceitá-los, perder-se no infinito selvático do impulso que não reconhece normas. Ir ao espaço das últimas satisfações, que são também aquelas nas quais a cultura se aniquila em favor da natureza, mas onde, inexorável, delinea-se o perfil do crime.<sup>29</sup>

Matamoro completa, dizendo que “seu lirismo evoca a naturalidade tardia dos modernistas” que buscam um espaço privilegiado para o sujeito da narração.

Na França, *Lavoura arcaica* foi lançada em 1985, sob o título “*La maison de la mémoire*”, numa edição conjunta com *Un verre de colère* (*Um copo de Cólera*), traduzidos por Alice Raillard e publicada pela Gallimard. As reportagens e resenhas, em geral, voltaram-se para a apresentação do livro e do escritor, repetindo o que a crítica brasileira já sabia (a força do discurso, do enredo, influências e comparações, o incesto, o questionamento da ordem e dados relativos ao autor). Reproduzindo vários trechos de seu artigo publicado em Lisboa, em 1977, a crítica brasileira



Leila Perrone-Moisés foi quem inicialmente chamou a atenção para a novidade e a originalidade da produção literária brasileira:

Agora que acabou o “boom” da literatura latino-americana, é tempo de descobrir nesses países alguns escritores que ficaram de fora das falsas expectativas criadas pela moda. País marginal no conjunto latino-americano, por sua diferença lingüística, racial e cultural, o Brasil produz escritores muito diversos. A exceção é a regra. Raduan Nassar é um desses casos particulares [...] Trata-se de uma versão romaneada da parábola do filho pródigo, que tem um aspecto arquetípico, atemporal, em um estilo precioso que ressoa ao Corão e à Bíblia.<sup>30</sup>

Em relação ao tema do retorno às origens, *La Quinzaine Littéraire* ainda indicava na obra uma nostalgia do mundo ordenado dos valores<sup>31</sup> mas sem aprofundar-se nas reflexões.

*Lavoura arcaica* também foi apresentada numa matéria que tratava das literaturas ibéricas e latino-americanas. A publicação especializada *Bulletin critique du livre français* recebia a narrativa como um

extraordinário relato sobre a inadaptação de André ao seu domínio familiar, virtuoso e solidamente estabelecido sobre a firmeza e a rude majestade do pai; sobre sua paixão pela irmã Ana, sobre sua fuga, seu retorno e rebeldia.<sup>32</sup>

Já no periódico *La matin*, Gilles Torjaman tecia as seguintes considerações sobre os dois livros publicados:

Insolência, ironia velada, desapego quase místico diante de toda formulação teórica, tantos são os conceitos que nos dão para ler atualmente duas obras primas de um autor que se anuncia [...] as palavras e frases se encaixam com violência [...] transbordamento das fronteiras presidem esta *Lavoura arcaica*, na qual a transgressão disputa incessantemente com a santificação. Aqui também o amor confunde, corrói, ultrapassa a medida e naufraga num horror anterior à lei e à toda palavra humana. A palavra se faz frase, a frase se faz lamento sem fim.<sup>33</sup>

Na seção *A la vitrine du libraire* do jornal *Le Monde*, Jorge Coli e Antoine Sael escrevem uma curta nota com o título “Incantations brésiliennes”. Nela, destacam a linguagem e a natureza pulsátil do texto:

Sensações, pulsões, ódios, violências, sofrimentos estão misturadas (agrupadas) em suas frases, como uma espessa substância orgânica [...] A frase é longa, imensa. Como uma

melopéia, ela assume um ritmo de encantamento [...] Nada parece artificial ou fabricado na obra de Nassar. As sutis nuances de seu estilos, os efeitos poderosos de sua obra [...] É difícil indicar uma categoria precisa para *Um copo de cólera* e *Lavoura arcaica* [...] Em *Lavoura Arcaica* o filho pródigo está de volta, aspirando às tradições de seus ancestrais e ao trabalho na terra patriarcal. Mas esta parábola se destrói a partir do seu interior, porque o filho traz com ele um amor incestuoso que anuncia a ruína completa da ordem. A armadilha da memória irá se fechar sobre o castigo da tragédia, a destruição e a loucura.<sup>34</sup>

No periódico *La croix*, Célia Minart reforça as observações feitas em torno da potência da linguagem nassariana:

A prosa de Raduan Nassar [...] é de uma potência que nos dá vertigem [...] Uma frase que corre sem bater no menor obstáculo, que segue embalada por uma espécie de loucura, de repente se acalma, retoma seu ritmo e dobra-se sobre ela mesma como uma serpente encantada pelos sons mágicos, se embala novamente, mais uma vez jorra com força, indomável e irracional, não permitindo nenhum repouso, sem ceder jamais, sempre em brasa [...] elevando-se numa lamentação infinita de angústia de uma alma esquarterjada.<sup>35</sup>

E Alice Raillard apresentava a obra da seguinte forma:

*Lavoura arcaica* [...] sugere uma sistemática, um paciente desnudamento de um passado primordial. As palavras que afloram, em longas ondas, aos lábios do narrador, estirpam as camadas ocultas do ser [...] emergem de um pesadelo modeladas (moduladas) pelo corpo que sai de seu torpor, que reconhece, tateando, os limites que tem, protetores ou constrangedores. O anônimo quarto de pensão é o refúgio onde se esconde em sua fuga o filho rebelde, a ovelha negra da família. Ele se fecha sobre si mesmo como no útero materno, opondo-se, numa comunicação ambígua e secreta, à casa do pai, santuário “da força poderosa da família.”<sup>36</sup>

Na Alemanha, foi publicada somente a novela *Um copo de cólera*, traduzida por Ray-Güde Mertin<sup>37</sup> sob o título *Ein Glas Wut*, e o conto *Menina a caminho (Mädchen auf dem Weg)*<sup>38</sup>, lançado no Brasil apenas em 1997.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Lavoura arcaica* vai ficar isolada em relação a outras obras literárias de seu tempo? O trânsito entre a prosa e a poesia, a natureza híbrida (lirismo, narrativa, fluxo de consciência, romance e dramaturgia) não comporta classificações categóricas e comparações nesta escrita original e moderna que agrega recursos da literatura, da poesia, da filosofia e da retórica. No romance, a crítica observou um cruzamento de diversas questões, nenhuma delas constituindo 'o sentido' do texto, mas conjugando um tecido com vários vetores de significação, dentre os quais se sobressaem o devir da tradição que se renova em crise, expressa no conflito de gerações, no choque dos valores, tendo como motes o incesto e o tabu, sob o enredo da parábola do filho pródigo, iconoclasticamente subvertida. Foi neste aspecto que a maioria das matérias e resenhas se concentrou, o ponto imediatamente visível, fácil de indenficar porque pertencentes à cultura hegemônica, marcada em seus fundamentos pela mundividência judaico-cristã.

Noutro sentido é necessário relevar que os conteúdos da narrativa muitas vezes não são aprofundadas pela crítica em jornais e revistas devido às propostas e limitações do suporte em que o material é veiculado, seja em relação ao espaço - que costuma não comportar análises minuciosas, seja pelo perfil do destinatário da *mass media* ao qual a comunicação é dirigida. Não causa espanto, portanto, salvo excessões, identificar maior profundidade nas publicações em revistas especializadas, e abordagem dos aspectos gerais e mais evidentes nos meios de comunicação massivos. Não fosse esse dado poderiam ser apontados outros vetores de significação, alguns não tratados, e outros, apenas superficialmente abordados, como o conflito entre razão e paixão, natureza e valores, ou outro tema, comum em todos os tempos, que é a subordinação de conceitos éticos ao interesse do momento para tirar vantagem individuais ou justificar interesses. E é neste âmbito que Raduan Nassar nos propõe reflexões sobre a liberdade e as leis, a responsabilidade e o destino, e principalmente sobre a paciência - uma das virtudes que o guardião da tradição procura transformar em ideal de legalidade.

Caberia, para finalizar, uma observação salutar. Como na família do protagonista de *Lavoura arcaica*, onde as repressões e recalques encontram-se escondidas no fundo de um cesto de roupa suja, parte considerável da crítica parece comportar-se como o familiar que protege, guardião e zeloso, os interesses e as aparências de sua comunidade. A crítica de Raduan Nassar é dirigida à cultura judaico-cristã - para as quais desenvolve argumentos favoráveis e contrários, apresentando a relatividade dos valores e pontos-de-vista. Neste sentido, nota-se que a maior parte das matérias jornalísticas pecam por prodigalidade, por certo

“excesso de zelo”, deixando obscurecidos o objeto ideológico dos ataques. Não que desgostem do texto, pelo contrário. É fato que a exemplo do texto “O grande inquisidor”<sup>39</sup>, de Ivan Karamazov, *Lavoura arcaica* contém qualidades que agradam aos cristãos. Mas é inegável, por outro lado, que também seja admirada por ateus.

---

(Endnotes)

1 NOTAS

RIBEIRO, Leo Gilson. “Dois pênaltis que salvaram o AAA da derrotas”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, p. 12, 10 jan. 1976.

2 “Após Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Osman Lins, encontramos poucos romances fortes e novos no Brasil (...) Nas últimas décadas, os escritores de prosa parecem evitar, quase programaticamente, a continuidade e desenvolvimento do romance como gênero, dando lugar às histórias curtas. Tal é o caso de Paulo Emilio Salles Gomes, Victor Giudice e Rubem Fonseca, enquanto os romances (de Ignácio de Loyola Brandão, Márcio de Souza e Ivan Ângelo, por exemplo) parecem se constituir de montagens de fragmentos, reunião de episódios sucintos, com uma linguagem que transita pelos meios de comunicação de massa. Em contraste, “Lavoura Arcaica”, aparece como exceção àquela fragmentação da narrativa, àquela assimilação à linguagem dos meios eletrônicos, evocando, de várias maneiras, um senso de tradição oral preservada e de continuidade. (...) Pode-se notar nas experiências de escritores como Ignácio de Loyola Brandão e Márcio de Souza uma tentativa para levar a linguagem do romance para fora de suas fronteiras tradicionais, quando o romance toma emprestadas formas do filme e da publicidade. Raduan Nassar empreende um experimento não menos “moderno”, e não menos difícil, que o deles. Nassar busca explorar o funcionamento interno de uma linguagem mais “tradicional”, para determinar como nós podemos “laborar” com ela e dentro dela, com a finalidade de lograr obter um trabalho que seja novo e que seja propriamente nosso. O romance absorve, mas também subverte e desenvolve, os ritmos e fórmulas do sermão. A complexidade de “Lavoura Arcaica” é testemunho disso, ao contrário de seu protagonista, Raduan Nassar vence o risco de meramente recair em qualquer tradição.” - WOLFF, Maria-Tai. “Em paga aos sermões do pai: *Lavoura arcaica* by Raduan Nassar”. *Luso-Brazilian Review*, Madison, 1985, Summer.

3 “Produção gerada no escuro ventre da conjuntura político-cultural dos anos 70, no país, o romance de Raduan Nassar aloja-se na questão do poder e na problemática da coibição sexual (...) o abandonar o riso, a crítica mordaz e panfletária ou os recursos expressivos do fantástico - conscientemente utilizado pela literatura daqueles anos -, o autor optou pelo intimismo, pela escrita neolírica, pela intertextualidade bíblica e pela tonalidade abertamente erótica em seu discurso (...) o lirismo, na literatura nos anos setenta, surge como prática inexistente (fora da norma) em *Lavoura arcaica*; essa expressividade - além de funcionar como desvio estilístico dos romances da época - aparece renegando uma linha de abordagem discursiva que punha a sociedade civil no eixo do tema romanescos” - NUNES,

Antônio Manuel. "Erotismo e textualidade: o corte do leitor e da crítica". *Travessia*, Florianópolis, p. 73-75, 1º sem. 1991. \* Aceito este texto com algumas ressalvas: o riso não foi abandonado do expediente literário (ide à parábola do faminto), o elemento fantástico se faz presente, além da sociedade civil não estar deslocada do eixo romanescos.

4 MOISÉS, Leila. "Da cólera ao silêncio" (ensaio). In: "Raduan Nassar - *Cadernos de Literatura Brasileira*. Instituto Moreira Salles. São Paulo, p. 69, set 1996.

5 FARIA, Octávio de. "Raduan Nassar escritor". *Última Hora*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1976.

6 "Para o leitor (ou crítico) habituado no conforto conceitual dos gêneros literários oferecidos pela tradição, chamar *Lavoura arcaica* de **romance**, como o faz o seu autor, pode parecer um abuso. Pois onde está, neste livro, o encadeamento linear das peripécias que evoluem no tempo e no espaço de uma narrativa – a famosa **ação** novelesca? Onde o arranjo funcional dos cenários, a descrição transparente da paisagem, a metódica cavocação das personagens, a captação fluída ou fotográfica do meio em que se movem? Como entender – do ponto de vista desse hipotético (embora plausível) leitor ou crítico acomodado em suas precárias certezas – a postura de um narrador cuja –Objetividade– se vê de alto a baixo sacudida pelas explorações de um texto inflamado e –obscuro– como este de Raduan Nassar? Pois Stendhal não dizia, no século 19, que a prosa é o reino da clareza?" – CARONE, Modesto. "Lembrete para a leitura de *Estranha Lavoura* de Raduan Nassar". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 1º jul. 1976.

\* Numa tese recente, Paulo César de S. Oliveira também reiterou a impossibilidade de classificar a obra devido à natureza plurilíngue do seu discurso (autobiografia, memória, poesia, documento)" In: OLIVEIRA, Paulo Cesar Silva. *Entre o milênio e o minuto* (prosa literária e discurso filosófico em *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar. (mestrado em Poética). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 47. 1993.

7 CARONE, op. cit.

8 FARIA, op. cit.

9 LIMA, Alceu Amoroso. 5 abr. 1976. (Nota lida durante a premiação de *Lavoura arcaica* pela ABL).

10 MANSUR, Gilberto. "O futuro próximo". *Vogue*, São Paulo, abr. 1975.

11 ABBATE, José Carlos. "Lucidez e delírio nesta bela parábola". *Jornal da Semana*, São Paulo, 04 jan 1976.

12 BECHERUCCI, Bruna. "Poesia-prosa". *Veja*. São Paulo. 4 fev 1976. p. 97

13 A recriação do tema não era novidade para a crítica. Tinha sido trabalhado por André Gide em seu *O retorno do do filho pródigo* e por Rainer Maria Rilke, em *Os Cadernos de Malte Laurids Brigge*.

14 RIBEIRO. Op. cit.

15 IANNI, Octávio. "Prece, sermão e diálogo". *Movimento*, São Paulo, 16 fev. 1976.

16 GUIMARÃES, Torrieri. "Bilhete a Raduan Nassar". *Folha da Tarde*, São Paulo, 26 jan. 1976.

17 SILVA, Aguinaldo. "O filho pródigo retorna. Mas a casa já não é a mesma." *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 fev. 1976.

- 18 POLVORA, Hélio. “Fatalismo de sabor dostoiévskiano”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 mar 1976.
- 19 RIBEIRO. Op. cit.
- 20 SCHNAIDERMAN, Boris. “Estranha lavoura”. *Versus*, São Paulo. n° 3, 1976.
- 21 PERRONE-MOISÉS. Leila. “Raduan Nassar - Lavoura Arcaica”. *Colóquio*. Lisboa. p. 96. jul 1977.
- 22 VIEIRA, Flavio Pinto. “Lavoura arcaica”. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, 11 a 17 nov. 1977.
- 23 ATHAÍDE, Tristão de . “Romances”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1976.
- 24 FERRAZ, Geraldo. “De uma Lavoura arcaica”. *A Tribuna*, Santos, p. 19, 21 mar. 1976.
- 25 JOSEF, Bella. “Incansável Lavoura em busca da redenção”. *O Globo*, Rio de Janeiro. 21 nov 1982
- 26 JOSEF, Ruth Rissin . “O Universo Primitivo de Lavoura Arcaica, de Raduan Nassar. *Revista de Psicanálise do Rio de Janeiro*. vol. 2, n° 1. 1992.
- 27 TAVARES, Carlos. “Lavoura arcaica: uma viagem para dentro da memória”. *Correio Brasiliense*, Brasília, 09 abr. 1989
- 28 WOLFF, Maria-Tai, *op. cit.*
- 29 MATAMORO, Blás. “Triunfo y fracasso del héroe”. *El País*, Madri, 28 nov. 1982.
- 30 MOISÉS. Leila Perrone-. “Um verre de colére”. *La Quinzaine Littéraire*, Paris, p. 15-16, 16 maio 1985.
- 31 “La nostalgie des valeurs”. *La Quinzaine Littéraire*, Paris, 16 maio 1985.
- 32 “Littératures ibériques et latino-américaines”. *Bulletin critique du livre français*, Paris, n° 475, jui. 1985.
- 33 TORDJMAN, Gilles. “Verbetes en folie”. *Le Matin*, Paris, 11 jun. 1985.
- 34 COLI, Jorge e SAEL, Antoine. “Incantations brésiliennes”. *Le Monde*, Paris, p. 10, 2 ago. 1985.
- 35 MINART, Celia. “Nassar, brésilien inconnu”. *La croix*, Paris, 24 ago. 1985.
- 36 RAILLARD, Alice. “A paraître: Raduan Nassar”. *Magazine Littéraire*, Paris, set. 1982.
- 37 FROSCH, Friedrich. “Sturm im Wasserglas”. *Falter*, Viena, 17-23, abr. 1992.
- 38 In: SCHREINER, Kay-Michael (org.). *Zitronegras. Neue brasilianische Erzähler*. Tradução de Karin Schweder-Schreiner. Colônia, Kiepenheuer & Witsch, 1982.
- <sup>39</sup> DOSTOIÉVSKI, Fiódor. “Os irmãos Karamázov. São Paulo: Ediouro, 2001. P. 258 a 272.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 3.1. Obras publicadas pelo autor

NASSAR, Raduan. “*Lavoura arcaica*”. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. “*Um copo de cólera*”. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

\_\_\_\_\_. “*Menina a caminho e outros textos*”. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

### 3.2. Fortuna crítica

#### Publicação especial sobre o autor

“Raduan Nassar – Cadernos de Literatura Brasileira”. Instituto Moreira Salles, São Paulo, setembro/1996.

Ensaaios

GOMES, Eustáquio. “Notas à margem de “*Um copo de cólera*”. In - , Ensaaios Mínimos. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1988, pp. 39-49.

#### Dissertação Universitárias

JOSEF, Ruth Rissin. “O universo primitivo de *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar”. Rio de Janeiro, Revista de psicanálise do Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992. (Terceira parte de “*A palavra do desejo e o desejo da palavra*” (tese de mestrado em Teoria Literária. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988)

MARTINS, Analice de Oliveira. “*Um lugar à mesa: uma análise de Lavoura arcaica de Raduan Nassar*” (mestrado em Literatura Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

OLIVEIRA, Paulo César Silva de. “*Entre o milênio e o minuto: prosa literária e discurso filosófico em Lavoura arcaica*”, de Raduan Nassar (mestrado em Poética). Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

PINTO, Sabrina Sedlmayer. “*Ao lado esquerdo do pai: os lugares do sujeito em Lavoura arcaica*”, de Raduan Nassar (mestrado em Literatura Brasileira. Belo Horizonte, UFMG, 1995.

SILVA, Regina Celi Alves da. “*Raduan Nassar: o cultivo do novo na tra(d)ição textual*” (mestrado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

VIEIRA, Márcia Cavalcanti Ribas. “*O obrar da narrativa em Lavoura arcaica*” (mestrado em Literatura Brasileira). Rio e Janeiro, UFRJ, 1991.

#### Artigos em jornais

ABBATE, José Carlos. “Lucidez e delírio nesta bela parábola”. *Jornal da Semana*, São Paulo, 04.01.1976.

\_\_\_\_\_. “Verdades demais”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23.09.1994.

- ALMEIDA, Miguel de. “Raduan Nassar, linguagem e paixão”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31.08.1981.
- ARRABAL, José. “Um ‘milagre brasileiro’ também na literatura?” *Jornal de Debates*, Rio de Janeiro, 26.04 a 02.05.1976.
- ATHAYDE, Tristão de. “Romances”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05.08.1976.
- CARONE, Modesto. “Lembrete para a leitura de Estranha Lavoura de Raduan Nassar”. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 01.07.1976.
- CARVALHO, Mário Cesar e BONVICINO, Régis. “Raduan Nassar de volta”. *Folha da Tarde*, São Paulo, 18.03.1989.
- CASTELO, José. “Raduan Nassar fascina e faz sonhar”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30.08.1994.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. “O banho das idéias em Um copo de cólera” *Movimento*, São Paulo, 11 a 17.12.1978.
- CICCACIO, Ana Maria. “Dúvida, a matéria-prima de Raduan Nassar”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27.02.1981.
- CLÁUDIO, José. “O bom do nordeste”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26.06.1977.
- COLI, Jorge e SAEL, Antoine. “Incantations brésiliennes”. *Le Monde*, Paris, 02. 08.1985.
- CORTES-KOLLERT, Ana Maria. “Ameisen nach der Liebesnacht”. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, Frankfurt, 20.12. 1991.
- COSTA, Flávio Moreira da. “Saída da criação”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21.10.1978.
- COUTO, José Geraldo. “Um pouco de cólera”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29.04.1999. p. 4-1.
- DREWS, Jörg. “Zur Strecke gebracht”. *Frankfurter Rundschau*, Frankfurt, 07.03.1992.
- FARIA, Octávio de. “Raduan Nassar escritor”. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 10.03.1976.
- FELINTO, Marilene. “‘Cardenos’ tira Nassar do exílio”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de setembro de 1996. pp. 4-1 e 4-3
- FELINTO, Marilene. “Livro de Nassar vai ao cinema”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10.05.1997. pp. 4-1, 4-5.
- FELINTO, Marilene. “Novela busca a imobilidade de um quadro”. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 19.04.1992.
- FERRAZ, Geraldo. “De uma ‘Lavoura arcaica’”. *A Tribuna*, Santos, 21.03.1976.
- FERRAZ, Geraldo “Prêmio da ABL para ‘Lavoura arcaica’”. *A Tribuna*, Santos, 03..07.1976.
- FRANCESCHI, Antônio Fernando de. “Sobre um copo de cólera”(poema). *Leia Livros*, São Paulo, maio.1985.
- FRANCISCO, Severino, “Na lâmina afiadíssima de um estilo”. *Jornal de Brasília*, Brasília, 26.03.1989.
- FRANCO, Adércio Simões, “O resgate da dignidade humana em Lavoura arcaica”. *Suplemento literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte12.07.1986.
- FROSCHE, Friedrich. “Sturm im Wasserglas”. *Falter*, Viena, 17-23.04.1992.
- GUIMARÃES, Torrieri. “Bilhete a Raduan Nassar”. *Folha da Tarde*, São Paulo,



26.01.1976.

HENNING, Peter. "Wortgeschosse Raduan Nassar: 'Ein Glas Wut". *Die Weltwoche*, Zurique, 30.04.1992.

IANNI, Octávio. "Prece, sermão e diálogo". *Movimento*, São paulo, 16.02.1976.

JOSEF, Bella. "Incansável lavoura em busca da redenção". *O Globo*, Rio de Janeiro, 21.11.1982.

LAZARETTI, Mariella. "Trivial e inesquecível". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23.05.1992.

MARRA, Heloísa. "O dilúvio num só gole". *O Globo*, Rio de Janeiro, 24.05.1995.

MATAMORO, Blas. "Triunfo y fracasso del héroe". *El País*, Madri, 28.11.1982.

MEDINA, Cremilda. "Nassar: parca mas definitiva criação". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18.12.1984.

MERTEN, Luiz Carlos. "O retrato apaixonado de uma briga de casal". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26.04.1999. p. D.1.

MINART, Celia. "Nassar, brésilien inconnu". *La croix*, Paris, 24.08.1985.

MORICONI JR, Italo. "Livros". *Jornal Verve*, Rio de Janeiro, maio de 1989.

MOTTA, Leda Tenório da. "O belo copo de mestre". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 06.01.1985.

NADER, Wladyr. "A família desfeita". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27.12.1975.

NÉSPOLI, Beth. "Théâtre du Soleil traz de volta atriz brasileira". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28.04.1999. p. D.8. (reportagem sobre o filme e a atriz que faz o papel da matriarca em Lavoura arcaica)

ORSINI, Elizabeth. "Raduan Nassar. Escritor misterioso fica constrangido em palestra para seus leitores no Rio". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23.06.1989.

PASSOS, Vinícius Lopes. "O eloquente laconismo de Raduan Nassar". *Zero Hora*, Porto Alegre, 27.05.1995.

PÓLVORA, Hélio. "Fatalismo de sabor dostoiévskiano". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07.03.1976.

QUINTELLA, Ary. "O tempo e suas águas inflamáveis". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24.01.1976.

RAMOS, Ricardo. "Teia de crispações". *Leia Livros*, São Paulo, nov. 1984.

RIBEIRO, Leo Gilson. "Dois pênaltis que salvaram o AAA da derrota". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 10.01.1976.

RIBEIRO, Leo Gilson. "O homem diante dos abismo da paixão e da razão". *Jornal da Tarde*, São Paulo, 28.10.1978.

RYFF, Luiz Antônio. "Chico e Raduan não dialogam com a platéia". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23.03.1998.

SCHNAIDERMAN, Boris. "Estranha lavoura". *Versus*, São Paulo, n° 3, 1976.

SILVA, Aguinaldo. "O filho pródigo retorna. Mas a casa já não é a mesma". *O Globo*, Rio de Janeiro, 29.02.1976.

TAVARES, Carlos. "Lavoura arcaica: uma viagem para dentro da memória". *Correio Brasiliense*, Brasília, 09.04.1989.

TEIXEIRA, Ivan Prado. "A madura jovialidade de Nassar". *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28.01.1978.

- TEIXEIRA, Ivan Prado. "Um fluxo de fúria". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13.06.1992.
- TORDJMAN, Gilles. "Verbetes en folie". *Le Matin*, Paris, 11.06.1985.
- UCHA, Danilo. "Dois romances brasileiros". *Zero Hora*, Porto Alegre, 29.02.1976.
- \_\_\_\_\_. "Um escritor fora do comum na literatura brasileira". *Zero Hora*, Porto Alegre, 14.12.1982.
- VIEIRA, Flavio Pinto. "Lavoura arcaica". *O Pasquim*, Rio de Janeiro, de 11 a 17 de novembro de 1977.
- WERNECK, Humberto. "O estranho exílio de Raduan Nassar". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18.03.1989.

### Artigos em revistas

- "A anticonfissão de Raduan Nassar" (texto sem assinatura, por José Maria Cançado). *Leia*, São Paulo, março.1989.
- BECHERUCCI, Bruna. "Poesia-prosa". *Veja*, São Paulo, 04.02.1976.
- COSTA, Mirian Paglia. "Fel na boca". *Veja*, São Paulo, 10.10.1984.
- DUCLÓS, Ney. "As ruínas do discurso". *Senhor*, São Paulo, 17.10.1984.
- HENNING, Peter. "Raduan Nassar. Ein Glas Wut". *Foglio, Seiten der Sinne*, Colônia, novembro. 1994.
- HOHLFELDT, Antônio. "Descida aos infernos". *Istoé*, São Paulo, 10.04.1985.
- LUCAS, Fábio. "O estatuto amoroso em Silêncio para 4 e Um copo de cólera". *Informativo do Centro de Estudos Portugueses - USP*, São Paulo, janeiro-julho/1983.
- MANSUR, Gilberto. "O que vamos ler em 1976". *Status*, São Paulo, dezembro/1975.
- \_\_\_\_\_. "O futuro próximo". *Vogue*, São Paulo, abril.1975
- MATTOS, Olgária Chaim Féres. "Reflexões acerca da cólera: sobre uma novela de Raduan Nassar". *Pulsional, Centro de psicanálise - Boletim de Novidades*, São Paulo, julho/1994.
- NASCIMENTO, Manoel. "Um copo de cólera". *Istoé*, São Paulo, 01.10.1978.
- NUNES, Antônio Manuel. "Erotismo e textualidade: o corte do leitor e a crítica". *Travessia*, Florianópolis, 1º sem. 1991.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. "Da cólera ao silêncio". In –, "Raduan nassar – Cadernos de Literatura Brasileira. Instituto Moreira Salles. São Paulo, setembro/1996.
- \_\_\_\_\_. "Raduan Nassar - Lavoura Arcaica". *Colóquio*, Lisboa, jul. 1977.
- \_\_\_\_\_. "Um verre de colére". *La Quinzaine Littéraire*, Paris, 16.05.1985.
- PINTO, Edith Pimentel. "A palavra recuperada". São Paulo: Em revista, maio/1976.
- RAILLARD, Alice. "A parâitre: Raduan Nassar". Paris: Magazine Littéraire, setembro/1982.
- REIS, Maruze Oliveira dos. "Circuito da cólera". *Revista de crítica e criação literária/UFSE*, Aracaju, ano 1, nº 1, 1992.
- RIAUDEL, Michel. "Um verre de colére suivi de La maison de la mémoire". *Braise* -

*Revue Trimestrielle d'Information et Culture Brésilienne*. n° 2, Paris, abril-junho/1995.  
SALLES, Fernando Moreira. "Um jogo de tirar o fôlego". *Playboy*, São Paulo, junho/1985.

SCHNAIDERMAN, Boris. "Profundezas de um cópo de cólera". *Polêmica n° 1*, São Paulo, novembro/1979.

"Silêncio ruidoso" (texto sem assinatura, por Rinaldo Gama). *Veja*, São Paulo, 29.03.1989.

SILVA, Aguinaldo. "Boa colheita". *Escrita*, São Paulo, fevereiro/1976.

SISTER, Sergio. "Caos ordenado". *Veja*, São Paulo, 22.11.1978.

WOLFF, Maria-Tai. "Em paga aos sermões do pai: Lavoura arcaica by Raduan Nassar". *Luzo-Brazilian Review*, Madison, 1985, Summer.

## Entrevistas e depoimentos

"Raduan Nassar". In -, VAN STEEN, Edla. *Viver & Escrever*, v. 2. Porto Alegre: L&PM, 1983.

"A paixão pela literatura". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16.12.1984. Entrevista a Augusto Massi e Mario Sabino Filho

"Raduan Nassar". *Libération (Special Salon du Livre)*, Paris, março 1985. Resposta à redação à enquete internacional "Porque você escreve?"

"Ao vencedor, o arroz e as cebolas"/"Uma pedra de onde não sai leite". *O Globo*, Rio de Janeiro, 25.07.1985. Entrevista a Alcione Soares Ferreira

"Le Brésil en toutes lettres". *Le Matin*, Paris, 30.03.87. Depoimento a Line Karoubi

"J'aime parler et travailler avec les gens". *La Quinzaine Littéraire*, Paris, 16 a 30.04.1987. Entrevista a Jean-Pierre Salgas.

"Do culto das letras ao cultivo da lavoura". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29.08.1992. Entrevista a Liliane Heynemann.

"Raduan crê na literatura só como questão pessoal". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30.05.1995. (Entrevista a Elvis Cesar Bonassa.)

"Raduan Nassar". *Cadernos de Literatura Brasileira. Instituto Moreira Salles*. São Paulo, n° 2, setembro/1996. (entrevista a Antônio Fernando De Franceschi, com perguntas de Davi Arrigucci Jr., José Paulo Paes, Octávio Ianni, Alfredo Bosi, Marilena Chauí e Leyla Perrone-Moisés)

"Sou o Jararaca" - Entrevista: Raduan Nassar". *Veja*, São Paulo, 30 de julho de 1997 pp. 9, 12, 13

## Outras referências

"*A Bíblia de Jerusalém*". São Paulo: Ed. Paulinas, abril de 1993.

39 DOSTOIÉVSKI, Fiódor. "Os irmãos Karamázov". São Paulo: Ediouro, 2001.

PLATÃO. "*Protágoras*". Curitiba: UFPR, 1980.

\_\_\_\_\_. "*Hípias menor*". Curitiba, UFPR, 1980.